

## Usos e usuários do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da UFMG

### Reflexões a partir de uma atividade educativa e expositiva

Uses and users of the Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da UFMG: reflections from an educational and exhibition activity / Usos y usuarios del Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da UFMG: reflexiones desde una actividad educativa y expositiva

#### RESUMO

Os usos e usuários do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (UFMG) são analisados a partir da ação educativa desenvolvida na exposição Formas de Medir os Corpos. Realizaram-se pesquisas bibliográfica e documental. Houve aumento na quantidade e variedade de usuários, ampliação da divulgação do acervo, difusão científica e construção de conhecimento crítico pelos sujeitos envolvidos.

*Palavras-chave:* estudo de usuários; ação educativa em arquivos; divulgação científica; exposição.

#### ABSTRACT

The uses and users of the Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (UFMG) are analyzed starting from an educational action developed at the Ways of Measuring Bodies exhibit. Documentary and bibliographic researches were conducted. There was an increase in the quantity and variety of users, widening of collection exposure, scientific awareness and construction of critical understanding of subjects involved.

*Keywords:* study of users; educational activity on archives; scientific exposure; exhibit.

#### RESUMEN

Los usos y usuarios del Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (UFMG) se analizan desde la acción educativa desarrollada en la exposición Maneras de Medir Cuerpos. Se realizaron investigaciones bibliográfica y documental. Hubo un aumento en la cantidad y variedad de usuarios, ampliación de la difusión del acervo, divulgación científica, construcción de conocimiento crítico de los individuos involucrados.

*Palabras clave:* estudio de usuarios; acción educativa en archivos; difusión científica; exposición.

#### Maria Cristina Rosa

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com pós-doutorado pela mesma instituição. Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

m.crosa@hotmail.com

#### Liliane Tibúrcio de Oliveira

Mestra em Educação pela UFMG, Brasil  
lilianetiburcio@yahoo.com

## Introdução

De acordo com Jardim e Fonseca (2004), a expansão das tecnologias da informação e da comunicação tem, nas últimas décadas, impactado instituições como arquivos, bibliotecas e centros de documentação. Devido ao aumento de espaços informacionais virtuais e à possibilidade de acesso remoto à informação, tornou-se necessária a discussão sistematizada sobre os usos e os usuários de arquivo a partir de uma perspectiva que considere o usuário sujeito do processo arquivístico. Para isso, é fundamental conhecer as necessidades dos usuários, para além dos usos da informação, com vistas a tomar decisões institucionais que busquem atender tais demandas, possibilitando às instituições adquirir novas vocações, renovar funções que lhes são históricas e superar outras, conforme sugerem Jardim e Fonseca (2004).

Nesse contexto de adequações do papel de arquivos, bibliotecas e centros de documentação junto à sociedade e aos seus diversos agentes, vale destacar a crescente demanda escolar por ações extracurriculares que englobam visitas a espaços culturais de diferentes naturezas (Buchmann, 2014). Como consequência dessa demanda, arquivos públicos brasileiros têm formulado iniciativas, ainda que de forma dispersa e tímida, voltadas para adoção de ações educativas nesses espaços (Ribeiro; Torre, 2012).

De acordo com Freire (2009), ações educativas direcionadas ao público escolar, como exposições, peças de teatro e concursos de produção de textos, são de suma importância para a sociedade, pois contribuem na promoção do acesso ao patrimônio histórico e cultural e, conseqüentemente, na formação humana dos educandos, devendo ser, portanto, mais exploradas. No entanto, essas atividades ainda representam uma pequena parcela das ações desenvolvidas nas instituições arquivísticas. Para Ribeiro e Torre,

Essa pouca valorização se observa em inúmeros detalhes, desde a pequena preocupação na disponibilização de espaços capazes de abrigar exposições e oficinas, acolhimento de turmas, salas multimídia, locais para lanche, até a raríssima estruturação de serviços educativos, com pessoal próprio. (2012, p. 67)

Além das ações educativas não serem práticas consolidadas nos arquivos brasileiros, constituem temática pouco abordada nos estudos do campo da arquivologia (Fratini, 2009). Ribeiro e Torre (2012) comentam que há uma lacuna no campo quanto à divulgação sistemática das experiências de natureza educativa, bem como no que tange às reflexões dos

pressupostos teóricos que as orientam, corroborando com o argumento de escassez de produção científica sobre a educação nos arquivos.

Dessa forma, tornam-se necessárias pesquisas que abordem ações educativas para escolares em arquivos, museus e instituições similares, pois podem contribuir para a constituição e a consolidação desse novo fazer no cotidiano desses espaços. Mais ainda, relatos e reflexões sobre experiências dessa natureza podem colocar em debate diversas possibilidades e limites do trabalho com o público escolar e suas necessidades, visto que esse público configura-se, ainda, como um usuário pouco convencional nessas instituições. Por fim, a partilha de experiências realizadas permite aos espaços aprenderem uns com os outros, como sugere Granato (2016) ao tratar das instituições universitárias.

Tendo em vista a problemática exposta, este artigo tem por objetivo examinar os usos e os usuários do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (Cemef), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a partir da ação educativa realizada na exposição nomeada Formas de Medir os Corpos. Esta exposição configurou-se como uma das ações do projeto Circuito das Vocações, proposto pela Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura (RMECC) da UFMG, e integrou o projeto Circuito de Museus, promovido pela Secretaria Municipal de Educação (SMED) da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), nos anos de 2015 e 2016.

Importante comentar que o Circuito de Museus faz parte das ações pedagógicas da Rede Municipal de Educação e propicia, desde 2011, a visita de estudantes do ensino fundamental a diferentes espaços culturais de Belo Horizonte, configurando-se como uma ação educativa que visa à formação de um público apto à fruição e interpretação cultural (Araujo et al., 2016). Assim, este trabalho pretende contribuir com discussões acerca das diversas possibilidades de usos dos acervos e dos múltiplos interesses que os mesmos podem suscitar nos variados usuários.

Para responder as questões deste estudo foi realizada pesquisa bibliográfica sobre temáticas como ações educativas, exposição, usos e usuários de arquivos, museus e centros de memória. Realizou-se também pesquisa documental, tendo como principais fontes documentos referentes aos dois projetos e à exposição em tela, como termos de parceria, lista de agendamentos de visitas, material de divulgação, relatórios de reuniões entre as instituições parceiras e projetos de pesquisa dos professores da rede municipal.

Com vistas a produzir uma narrativa densa e coerente, que possa contribuir com as discussões acerca das diversas possibilidades de usos

e usuários de acervos, o artigo apresenta uma breve contextualização e reflexão sobre o Cemef, a RMECC e o Circuito das Vocações, para, então, se aprofundar na análise da exposição e nos impactos da ação educativa realizada no Circuito de Museus.

### Apontamentos sobre o Cemef: usos e usuários

O Cemef é um dos cinco espaços criados na UFMG, nos anos 2000, quando houve uma intensificação de preocupações com a preservação da memória institucional. Localizado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG, caracteriza-se como uma instituição pública federal. Suas instalações são abertas ao público durante cinco dias da semana e o acesso é gratuito. Com acervo próprio, cuja tipologia é de ciência e tecnologia e história, é o único espaço da RMECC que abrange a temática educação, esporte e lazer, sendo sua documentação predominantemente sobre a EEFFTO.<sup>1</sup> O centro cumpre a função de ser referência em uma determinada especialização e tem, diferentemente dos locais pesquisados por Tanno (2018), a sua linha de acervo bem definida.<sup>2</sup>

Ao longo de seus 18 anos de existência, o Cemef tem enfrentado, como outros espaços da RMECC, desafios, como falta de orçamento e pessoal qualificado para realizar ações de recuperação, preservação (aquisição, conservação e gestão) e divulgação do seu acervo, que possui características museológicas, arquivísticas e de biblioteca. Todavia, o trabalho cotidiano com esse acervo tem possibilitado a realização de ações no âmbito da pesquisa, da extensão e do ensino com públicos diversos e a efetivação da comunicação, que, segundo Desvallés e Mairesse (2013), compreende educação, mediação e exposição. Todas essas ações proporcionam mais visibilidade ao centro no âmbito universitário e fora dele, bem como ensejam novos públicos e usos do seu acervo.

Em 2014, o Cemef passou a fazer parte do Cadastro Nacional de Museus, do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), e da Pesquisa Anual de Museus, que busca produzir conhecimentos e informações sistematizadas sobre os

---

<sup>1</sup> Arquivo Cemef/UFMG. Formulário de Visitação Anual. Instituto Brasileiro de Museus, Brasília, 2015.

<sup>2</sup> O Cemef possui uma política de acervo constituída e em prática (Oliveira, 2016). A sua linha de acervo é composta por: Arquivos Institucionais, Arquivos Pessoais de Professores, Coleção História Oral, Arquivo Cemef/UFMG, Coleções de Documentos Avulsos e Biblioteca. Para outras informações, consultar o site da instituição (UFMG, s.d.). Sobre o processo de organização dos fundos e das coleções, ver: Linhales; Nascimento (2013; 2014) e Oliveira (2016).

esses espaços no Brasil.<sup>3</sup> Ao responder o Formulário de Visitação Anual (FVA), o centro realizou uma primeira reflexão, desde 2001, quando foi constituído, sobre seus frequentadores, atentando-se para a contagem de público e instrumentos para o seu registro; as ações de que participam e como; o fluxo de visitação e a importância de se ter formas de sistematizar informações sobre o público e seu comportamento, pois, como afirmam Julião, Rocha e Sabino (2017), a avaliação museológica é um procedimento indispensável para qualificação da instituição. Ou seja,

saber quantas pessoas vão aos museus deve ser percebida como uma atividade fundamental para o estabelecimento de uma melhoria progressiva da experiência museal, da qualidade do funcionamento da instituição e do atendimento às necessidades dos visitantes. (Ibram, 2019)

O usuário, em uma concepção ampla, é aquele que efetivamente usa os serviços e produtos oferecidos por uma unidade de informação (Cunha et al., 2015). Para identificar o público do Cemef, foram sistematizadas categorias de análise com base em seus serviços: consulta ao acervo, grupo de pesquisa, evento acadêmico, visita guiada, ação educativa e exposição.<sup>4</sup>

Em relação à consulta ao acervo, o usuário é a pessoa, também chamada consulente, que consulta ou pesquisa documentos em um arquivo, podendo ser especialista, estudante ou cidadão (Vaz, 2019). De maneira geral, o primeiro constitui usuário tradicional em arquivos, possui formação universitária, familiaridade com esse tipo de instituição e demandas relativas a sua produção intelectual. Já o segundo é estudante de curso de graduação que procura os arquivos como forma de contribuir com a sua formação acadêmica. Por fim, o cidadão é a pessoa que procura esporadicamente os arquivos e necessita de mais ajuda dos profissionais que neles atuam.

Na elaboração da Política de Acervo do Cemef, embora preocupações com o usuário não tenham sido apresentadas de forma explícita, “nota-se a padronização e o respaldo para toda a linha de acervo em identificar o usuário, bem como seus supostos interesses de pesquisa” (Oliveira, 2016, p. 138). Essa identificação consta em dois formulários utilizados no cotidiano do centro: o Cadastro de Usuário e a Solicitação de Livros e Documentos para Consulta.

---

<sup>3</sup> Instituto Brasileiro de Museus. Pesquisa anual de museus 2014: instruções de preenchimento. Coordenação-Geral de Sistemas de Informação Museal, Brasília, 2014.

<sup>4</sup> Essa categorização foi elaborada de acordo com serviços indicados no site da instituição (UFMG, s.d.).

No primeiro, para além de dados pessoais, são solicitadas informações profissionais ou acadêmicas, como a função que o usuário ocupa na instituição de origem e sua formação. No segundo, busca-se identificar os objetivos da consulta, tendo como opções: graduação, mestrado, projeto de pesquisa, interesse pessoal, produção de vídeo, exposição, criação de site e outros. Esses formulários configuram-se como importantes instrumentos de controle de acesso, de identificação do perfil do usuário e dos interesses de pesquisa (Oliveira, 2016). Mais ainda, mostram que os consulentes mais habituais do Cemef são especialistas e estudantes, compreendidos neste trabalho como usuários de perfil acadêmico.

Vale mencionar que a expectativa em relação ao usuário acadêmico está em conformidade com a intenção do Cemef “de fomentar a pesquisa histórica e reunir estudantes e professores cuja temática de investigação fosse a história da educação física e seus possíveis desdobramentos e conexões” (Linhales; Nascimento, 2014, p. 42). Esse tipo de usuário configura-se, também, como público de outros serviços oferecidos pelo Cemef, demonstrando que usuários e usos se entremeiam.

Os usuários vinculados ao grupo de pesquisa do Cemef, registrado no Diretório de Grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, são professores da UFMG – provenientes da EEFFTO, da Faculdade de Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Escola de Belas Artes e da Escola de Ciência da Informação –, seus respectivos orientandos de graduação e pós-graduação, bem como bolsistas de iniciação científica e extensão. O grupo organiza atividades de pesquisa permanente, que incluem reuniões semanais, consulta a documentos provenientes do acervo do Cemef, ações relativas à gestão do acervo, entre outras (Linhales et al., 2011).

Os eventos acadêmicos, da mesma maneira, agregam principalmente usuários especialistas e estudantes. O principal evento é o Seminário do Cemef, realizado de forma bienal, que se caracteriza como “um frutífero intercâmbio entre pesquisadores e estudantes interessados na historiografia da educação física, do esporte e do lazer, vindos de várias universidades de Minas Gerais e do Brasil” (Linhales et al., 2011, p. 3). Destaca-se, também, o Cemef Convida, em que mensalmente um pesquisador é convidado a palestrar sobre temas de interesse da equipe do centro e de seus usuários.

As visitas guiadas são ações regulares que, mais uma vez, aproximam o usuário de perfil acadêmico da pesquisa histórica e do fazer arquivístico e museológico. Elas abrangem públicos diversos, principalmente grupos compostos por professores e estudantes de cursos de graduação e pós-graduação da UFMG e de outras instituições de ensino superior.

O usuário de perfil acadêmico é atendido, ainda, em ações educativas e formativas, como na realização de aulas curriculares de disciplinas dos cursos de educação física, arquivologia e museologia. A ação educativa ocorre também, de maneira exponencial, nas ações expositivas, que abrangem, para além dos usuários especialistas e estudantes, também os cidadãos.

As exposições, que atendem “tanto ao conjunto de coisas de naturezas variadas e formas distintas, expostas ao público, quanto às próprias coisas expostas e ao lugar onde acontece essa manifestação” (Desvallés; Mairesse, 2013, p. 42), destacam-se no âmbito do Cemef por possibilitar pesquisar, conhecer melhor e divulgar o seu próprio acervo; trabalhar com um acervo científico da área de educação física; dar acesso ao público a objetos e documentos de coleções e arquivos que compõem a sua linha de acervo; receber comunidade interna e externa à universidade; estabelecer parcerias com espaços da RMECC e com outras instituições que lidam com a preservação do patrimônio; e diversificar o seu público.

De maneira geral, elas possibilitam ao centro colocar em prática algumas de suas competências, como “divulgar seu acervo, suas referências e seus serviços ao público especializado; [e] promover intercâmbio com entidades afins” (Tessitore, 2003, p. 16).

Como instrumento de registro das visitas às exposições, o Cemef abriga um livro de presença específico para esse fim, no qual cada visitante assina e data, sendo um dos instrumentos de contagem de público do local. Entre os anos de 2001 e 2019, foram realizadas oito exposições, cinco das quais coincidiram ou foram propositalmente produzidas em ano de realização do seminário e acolheram como visitantes também o público do evento acadêmico. O ano de 2019 destaca-se pelo número de exposições realizadas: três. Entretanto, a exposição *Formas de Medir os Corpos*, realizada nos anos de 2015 e 2016, foi um marco, por ser o momento em que, extraordinariamente, o centro se dedicou de forma regular e sistemática à implementação e realização de atividade educativa e de difusão científica, por meio de parceria estabelecida inicialmente com a rede de museus da UFMG, mediante participação no Circuito das Vocações, e posteriormente com a SMED/PBH, por intermédio do Circuito de Museus.

Importante ressaltar que apenas essa exposição, entre todas, foi concebida para o público de estudantes da educação básica e seus respectivos professores, trazendo de forma inédita um novo usuário para as instalações do Cemef. Dessa maneira, provocou também desafios relativos à necessidade de produzir uma ação educativa e de difusão científica no contexto expositivo que atendesse a demandas específicas do professorado e

alunos em questão. As parcerias estabelecidas foram fundamentais por possibilitarem ao Cemef arriscar-se de maneira nunca vista nesse tipo de ação. Assim, além do público acadêmico, especialista ou estudante, um novo tipo emerge como potencial usuário dos serviços oferecidos no âmbito do Cemef, qual seja, o sujeito da educação básica.

### A rede de museus da UFMG e o Circuito das Vocações

No âmbito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), os anos 2000 foram marcados por uma tomada de consciência do valor do patrimônio científico da instituição, o que pode ter provocado a criação da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG (RMECC) (Julião; Rocha; Sabino, 2017).

A rede de museus, como é conhecida, congrega espaços com diferentes características que são responsáveis pela salvaguarda de parte do patrimônio científico da instituição. Entre eles, estão vários centros de memória ou de documentação de unidades acadêmicas da UFMG, como o Cemef. Criados nas universidades a partir da década de 1970, tornaram-se espaços privilegiados de preservação de memórias locais e regionais, viabilizando a realização de pesquisas históricas e o acesso à informação (Tanno, 2018).

Em consonância com a missão de propor políticas e desenvolver “ações nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, relacionadas aos museus e espaços de ciências e cultura da UFMG” (UFMG, 2016), a Coordenadoria da Rede de Museus organizou, em 2014, o projeto de extensão “Aprimoramento do circuito de divulgação científica da rede de museus da UFMG: despertando vocações e incentivando a formação de jovens estudantes”, conhecido como Circuito das Vocações, que buscou promover o intercâmbio científico e cultural entre espaços da rede de museus e entre estes e a comunidade externa à UFMG, como estabelece o seu regimento (Marques, 2013).

Entre os objetivos desse projeto, destacam-se: consolidar um circuito de vocação científica, englobando espaços da RMECC da UFMG, que deveriam ser percorridos por turmas da educação básica de escolas estaduais; explicar, divulgar e democratizar conhecimentos sobre ciências e tecnologias envolvidas em profissões do ensino superior; e fortalecer a rede como instância de salvaguarda e divulgação da cultura científica na universidade (Marques, 2013, p. 8).

Participaram desse circuito quatro espaços da RMECC, sendo eles: o Centro de Memória da Farmácia, o Centro de Memória da Odontologia, o Museu de Ciências Morfológicas e o Cemef. Os espaços, todos vinculados à



área de saúde, desenvolveram ações, a partir de seus acervos, que possibilitaram acessar conteúdos sobre histórias das profissões, características da formação, campos de atuação profissional, avanços científicos e tecnológicos e trajetórias das unidades acadêmicas onde estão localizados. O Cemef desenvolveu e realizou a exposição Formas de Medir os Corpos.

### A exposição Formas de Medir os Corpos

Por que esse tema? Historicamente, busca-se compreender modelos, condutas, gestos, tolerâncias, técnicas, métodos de treinamento etc. Segundo Sant’Anna (2000, p. 50), há uma constante tentativa de se conhecer o corpo, devido à vontade de se ter controle sobre o mesmo e ao caráter provisório dos conhecimentos sobre ele, “pois, cada corpo, longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, supostamente imutáveis, não escapa à história”.

Diferentes áreas do conhecimento, como medicina, educação física, história e antropologia, têm o corpo como objeto de estudo e investigação. A exposição Formas de Medir os Corpos privilegiou o curso de educação física e teve como propósito despertar nos visitantes perguntas sobre como foi possível tornar o corpo um objeto de medida, classificação e comparação.

Composta por documentação textual, iconográfica e artefatos dos Arquivos Institucionais do Cemef, a exposição destacou o acervo de objetos tridimensionais, especialmente a série instrumentos técnico-científicos, formada por dispositivos de registro e medida de aspectos médicos, biométricos e físicos do corpo.<sup>5</sup> Alguns exemplos são: a maleta de instrumentos biométricos, o cadofrequencímetro e o cronômetro que foram utilizados em avaliações médicas nas aulas do curso de educação física da Escola de Educação Física da UFMG, especialmente na década de 1970, e na realização de pesquisas científicas, como o Projeto Brasil que, em Minas Gerais, ocorreu nessa escola.

Esse projeto foi uma das bases para constituição do primeiro laboratório científico da EEFFTO, o Laboratório de Fisiologia do Exercício, e teve por objetivo examinar o físico de brasileiros, traçando um perfil antropométrico e funcional da população, para adotar medidas de desenvolvimento

---

<sup>5</sup> Os Arquivos Institucionais estão classificados em dois fundos: Escola de Educação Física de Minas Gerais, abrangendo o período de 1952 a 1969, e Escola de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, de 1969 a 1980. Eles são constituídos por documentos textuais, iconográficos, audiovisuais e objetos tridimensionais (UFMG, 2014).

e melhoramento da qualidade de vida. Um slogan utilizado para divulgá-lo e para estimular as pessoas a fazerem os testes foi “Pelé já fez. Falta você”.<sup>6</sup>

Entre os testes realizados no Projeto Brasil, como anamnese, exame clínico e avaliação morfológica, o circuito de avaliação de habilidade motora, que é um método de avaliação (e de treinamento), inspirou a montagem da exposição em questão, que foi constituída como um circuito educativo com dez estações: 1) painel introdutório com o texto curatorial, ficha técnica e cartela de marcas; 2) a criação da Escola de Educação Física; 3) os cursos da Escola de Educação Física da UFMG atuais; 4) mapa da escola; 5) infraestrutura da escola; 6) estações do circuito e objetivos (contendo os 12 testes do Projeto Brasil); 7) circuito de habilidade motora (Projeto Brasil); 8) classificação biotipológica e aplicação da forma ao esporte; 9) estudo morfológico; 10) salto vertical (parâmetros – protocolo Sargent Jump Test).<sup>7</sup>

Foram selecionados três testes físicos do circuito de avaliação de habilidade motora para servirem de experiência durante a exposição, sendo eles: salto vertical, deslocamento lateral e quatro cordas. Muitos desses testes também foram utilizados em provas práticas de exame de vestibular para o curso de educação física da UFMG e aplicados periodicamente aos alunos durante a graduação. O conjunto suscita diferentes olhares e revela uma forte influência da instituição médica na constituição de práticas e saberes inerentes à educação física, numa época em que a adoção de um modelo científico contribuiu para a composição e o estabelecimento dessa área de formação e intervenção, bem como para a consolidação do curso de educação física na UFMG – fatores ressaltados durante a mediação na atividade educativa e de difusão científica.

A proposta foi de que a visita à exposição possibilitasse relacionar temas, como educação, ciência e formação profissional; quantificação e qualificação dos corpos; mudanças e permanências na história; história da ciência e educação física, provocando descobertas e reflexões sobre o corpo, algo “sempre redescoberto, nunca completamente revelado” (Sant’Anna, 2000, p. 52). Dois estudos monográficos, o de Santos (2013) e o de Almeida (2013), que tiveram como fonte o acervo do Cemef, foram inspiração e base para a construção dessa narrativa, entre outras tantas

---

<sup>6</sup> Arquivo Cemef/UFMG. *Jornal Podium*, Brasília, ano 2, n. 5, p. 4-5, jan. 1973. Coleções e documentos avulsos.

<sup>7</sup> Sobre o processo de concepção, organização e montagem da exposição, ver: Dias (2017).

possíveis, como as suscitadas pelos usuários durante as visitas ou estimuladas na mediação, realizada por professores e bolsistas de graduação de educação física da UFMG, que se revelou como uma forma sensível de adquirir e produzir conhecimento.

No ano de 2015, o Cemef recebeu, no âmbito do Circuito das Vocações, três turmas de ensino médio (1º, 2º e 3º anos) de uma escola da rede estadual de Minas Gerais, localizada próximo à UFMG. Essas visitas fizeram parte do projeto-piloto que teve por objetivo “testar o tempo, os temas, as atividades para a implantação efetiva do circuito” (Chaves, 2016, p. 9). Realizadas nos meses de setembro e outubro, as três visitas tiveram 39 participantes no total, os quais percorreram os espaços da RMECC na seguinte ordem: Museu de Ciências Morfológicas, Centro de Memória da Farmácia, Centro de Memória da Odontologia e Cemef.

A avaliação feita pela equipe que coordenou o projeto-piloto traz pistas referentes à potencialidade da ação educativa proposta pelo Cemef para o público da educação básica. Mais ainda, sugere possibilidades de resignificação dos usos do acervo a partir desses novos usuários. Segundo a equipe avaliadora,

a visitação e mediação propostas pela equipe Cemef foi bastante positiva, os alunos se envolveram com as propostas e foram protagonistas de uma exposição bastante interativa. Percebemos que os visitantes gostaram bastante da mediação e que o treinamento anterior no Espaço do Conhecimento da UFMG, no acompanhamento dos monitores, fez a diferença positiva neste quesito. (Chaves, 2016, p. 11)

Apesar dessa avaliação positiva e do desejo do Cemef em dar sequência ao Circuito das Vocações, questões de ordem financeira e logística impossibilitaram a contratação de meios de transporte para levar os estudantes até a universidade e desta para a escola de origem. Dessa forma, não foi possível operacionalizar as visitas no ano de 2016, fato que evidencia algumas das dificuldades enfrentadas no contexto brasileiro para efetivar a presença do público escolar nos museus, arquivos e centros de documentação, como apontam Ribeiro e Torre (2012) e Buchmann (2014).

No âmbito do Cemef, entretanto, uma nova possibilidade de potencializar a atividade expositiva realizada para o Circuito das Vocações e os seus usuários, bem como os usos do centro, foi advinda do Circuito de Museus da SMED/PBH.

## O Circuito de Museus da Secretaria Municipal de Belo Horizonte

Em fevereiro de 2016, o Cemef recebeu e aceitou o convite da Gerência de Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania da SMED/PBH para participar do projeto Circuito de Museus, que tem por objetivo “incentivar e facilitar a apropriação dos espaços museais pelo público escolar” (Araujo et al., 2016, p. 1) por meio da visita de estudantes de escolas da rede municipal de Belo Horizonte a três instituições culturais parceiras que compõem um mesmo percurso temático.

O Cemef, o Centro de Memória do Minas Tênis Clube (CMMT) e o Museu Brasileiro do Futebol (MBF), instituições parceiras, compuseram neste ano o percurso temático intitulado Esporte, Lazer e Memória. Esse circuito teve como especificidade oferecer aos estudantes a oportunidade de reflexão sobre o esporte a partir de experiências com o corpo, bem como “despertar o (re)conhecimento da história dos esportes e das práticas de lazer” (Araujo et al., 2016, p. 2), ampliando suas leituras e percepções sobre esses conhecimentos. A parceria com o Cemef, nesse contexto, visava, ainda, “aproximar as escolas do saber produzido na academia”.<sup>8</sup>

No ano de 2016, mais de vinte instituições de Belo Horizonte, dentre elas museus, arquivos, centros de cultura, centros de memórias e galerias, compuseram os espaços de visita do Circuito de Museus, que foi organizado em percursos temáticos, sendo eles: Circuito Arte Brasileira, Circuito Artes Visuais, Circuito Ciências e Tecnologia, Circuito História de Belo Horizonte, Circuito História de Mulheres, Circuito Pampulha, Circuito Território Negro e Circuito Esporte, Lazer e Memória.

Para participar do Circuito de Museus, em 2016, as escolas da rede municipal de Belo Horizonte deveriam efetivar inscrição prévia em um dos eixos temáticos, mediante a entrega de um projeto pedagógico sob a responsabilidade de um ou mais professores, que seria avaliado conforme pertinência e mérito. O Circuito Esporte, Lazer e Memória recebeu a inscrição de 16 projetos e todos foram aprovados pela Gerência de Recursos Humanos para participar da ação (Quadro 1).

Os professores responsáveis pelos projetos eram vinculados a distintas disciplinas escolares, como educação física, ciências e história, o que indica a potência inter e multidisciplinar das ações do circuito. Além disso, os projetos tratavam de temáticas variadas, como esporte, qualidade de

---

<sup>8</sup> Gerência de Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania (PBH). Circuito de Museus. Carta convite ao Cemef. Belo Horizonte, 2016.

vida, educação física e memória, sugerindo diferentes possibilidades de abordagem das mesmas nos momentos de preparação da escola para participar do percurso temático oferecido pelas três instituições parceiras (Cemef, CMMT e MBF), da mediação e visita à exposição, bem como das atividades realizadas após o retorno de alunos e professores às escolas.

**Quadro 1** – Projetos de pesquisa aprovados

Turno	Título do projeto	Turmas	Ano	Idade	Professores responsáveis
Manhã	Educação física, ciência e qualidade de vida	5	5º	10-11	2
	Mente sã, corpo são	4			5
	Circuito esporte, lazer e memória	3			1
	Trabalhando os valores olímpicos e paralímpicos na escola, para a vida	1	5º (PEI)		2
	Sem título	4	6º	11-12	1
	Sem título	1	7º	12-13	1
	O esporte: conceitos, práticas, códigos e instituições	3	8º	13-14	1
	Esporte e lazer na EMASB	4			2
	Olimpíadas	1			1
Tarde	Circuito de museus	1	3º	8-9	1
	História do esporte e lazer em Belo Horizonte	3	4º	9-10	-
	Olimpíadas na escola	3	5º	10-11	1
	Resgate da memória esportiva	4	5º e 6º	10-12	1
	Sem título	1	7º (PEI)	12-13	4
	Projeto de educação física	3	8º	13-14	1
	Sem título	3	9º	14-15	2
<b>Total</b>	<b>16</b>	<b>44</b>	-	-	<b>26</b>

Fonte: elaborado pelas autoras.

O número de turmas previstas para serem atendidas em cada projeto variou de uma a seis. Foram agendadas 44 visitas de turmas do 3º ao 9º

ano do ensino fundamental, sendo contempladas turmas do ensino regular e do Programa Escola Integrada (PEI).<sup>9</sup> As visitas ocorreram de maio a novembro, sempre às quartas-feiras, nos turnos da manhã e tarde. Apenas cinco visitas agendadas não foram realizadas devido a impedimentos da EEEFTO – em novembro, a escola estava ocupada por seus alunos, num movimento de mobilização pela educação pública e gratuita –, o que revela a absoluta adesão das escolas municipais e sujeitos envolvidos (alunos, professores e coordenadores pedagógicos) à ação educativa e de divulgação científica realizada na exposição.

A partir das assinaturas nas listas de presença do Circuito de Museus, verificou-se que o Cemef recebeu 39 turmas, totalizando 1.014 estudantes e 32 professores, com uma média de 26 estudantes e dois professores por turma. Esse quantitativo de usuários abrangeu pelo menos 40,6% do público total (2.500) do Cemef em 2016, conforme dados do FVA.<sup>10</sup>

Dessa forma, pode-se compreender que, se a experiência do Cemef no Circuito das Vocações já havia sido algo inédito, por trazer estudantes do ensino médio para suas instalações, a participação no Circuito de Museus radicalizou ainda mais o diálogo com o ensino básico, ao possibilitar a presença de usuários dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, com características etárias e demandas educacionais diversas. Além disso, contribuiu de maneira expressiva para o aumento da quantidade total de usuários do Cemef em 2016. Comparando os dados de contagem de público dos anos de 2015 com os de 2016, pode-se perceber aumento significativo de público total (de 1.200 para 2.500), de usuários da educação básica (de 39 para 1.014) e da representatividade desses usuários no âmbito do Cemef (de 3,3% para 40,6%).

A perspectiva de receber semanalmente, durante sete meses consecutivos, visitas de grupos de escolares, tornou-se fato inédito na história e nas ações do Cemef e demandou, inclusive, acomodações no cotidiano da instituição. Vale mencionar que no centro atuam professores do curso de educação física da EEEFTO, estando lá seus gabinetes, onde planejam aulas, realizam orientações e desenvolvem projetos de pesquisa, ensino e extensão. Além disso, nesses projetos atuam estudantes de diversos cursos da

---

<sup>9</sup> O Programa Escola Integrada (PEI), da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, foi criado em 2006 pela SMED/PBH e atende a 177 escolas de ensino fundamental, ampliando os tempos e os espaços de aprendizagem por meio de oficinas e atividades em variadas áreas do conhecimento (Silva; Isayama, 2015).

<sup>10</sup> A porcentagem é aproximada porque nem sempre todos os usuários assinavam a lista de presença, especialmente quando se tratavam de crianças menores.

UFMG, como bolsistas e voluntários. Por fim, o Cemef recebe consulentes diversos.

A inserção do Cemef no Circuito de Museus configurou um novo fazer para o centro, qual seja, promover ações educativas com estudantes do ensino fundamental, tendo como pano de fundo o seu próprio acervo. Em outros dizeres, naquele momento tomou forma uma ação ousada, pois se tratava de algo novo, recente, inaugurado a passos lentos com a experiência do Circuito das Vocações, que exigiu uma intensa preparação da equipe do Cemef envolvida nessas ações, abrangendo realização de estudos, pesquisas, organização e montagem da exposição.

Vale ressaltar que, desde o momento em que foi recebido o convite para integrar o Circuito de Museus, surgiram algumas questões: como concretizar de forma satisfatória a participação do Cemef no projeto? O que selecionar do acervo para expor nas visitas e por quê? Como apresentar os documentos selecionados? Como dialogar com os projetos de pesquisa dos professores e suas demandas e os interesses dos estudantes do ensino fundamental? Como adaptar o cotidiano do centro para receber as visitas agendadas? Como mediar as visitas buscando produzir uma ação educativa valorosa para os visitantes e para o Cemef, com a participação efetiva e integração de ambos? Como estabelecer conexões com as outras duas instituições parceiras e pertencentes ao percurso temático Circuito Esporte, Lazer e Memória?

Nesse contexto, pode-se afirmar que o Cemef lançou-se à tarefa de repensar os usos e os usuários de seus arquivos, levando em consideração as necessidades do público da educação básica e os possíveis impactos das visitas na vida de estudantes e professores da rede municipal. Partiu-se do pressuposto de que as experiências produzidas na interação dos usuários com a exposição e as informações por ela divulgadas poderiam contribuir “diretamente com a formação dos cidadãos, com o exercício da cidadania, da democratização e apropriação da cultura, na qual o patrimônio documental está inserido” (Fratini, 2009, p. 1). Tudo isso sugeriu que as ações realizadas fossem orientadas pela perspectiva de arquivos direcionados aos usuários, em que esses são vistos como sujeitos do processo de transferência da informação e não somente como objeto do acesso à informação, como propõem Jardim e Fonseca (2004). O que, com limites e desafios, se efetivou nas visitas.

### **A visita de escolares: a exposição como contexto de ação educativa**

À medida que o conhecimento sobre ação educativa em espaços museológicos ia sendo incorporado pelo grupo responsável, mais se percebiam as

múltiplas possibilidades de explorá-la na exposição Formas de Medir os Corpos, conforme as características do grupo visitante.

A apropriação de saberes e práticas referentes ao fazer educativo dos e nos museus foi um conhecimento de suma importância na formação dos mediadores das visitas no Cemef e se deu, em grande medida, devido à aproximação dos três espaços culturais que compuseram o Circuito Esporte, Lazer e Memória e ao diálogo com a equipe responsável pelo Circuito de Museus na SMED/PBH. Anteriormente ao início das atividades, cada parceiro teve a oportunidade de conhecer os outros dois espaços por meio de encontros e visitas aos mesmos.

Destaca-se a ida da equipe do Cemef ao Museu Brasileiro do Futebol, localizado no Estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão, que se constituiu como um momento de formação no qual se pode acompanhar a equipe educativa do museu em atuação com escolares; compreender os meandros da organização dessa equipe no cotidiano das visitas, que demarca a ação do museu e os formatos de cada exposição; conhecer o processo de formação dos mediadores e como ocorrem os registros das visitas e seus públicos; estabelecer trocas sobre questões teóricas e práticas que perpassam as intervenções e refletir sobre as mesmas.

Como um dos resultados decorrentes dessa formação, decidiu-se, no âmbito do Cemef, ampliar as visitas dos estudantes para além da exposição Formas de Medir os Corpos, incluindo no roteiro um passeio pelas dependências da EEEFTO, em locais como sala de judô, ginásio de ginástica rítmica, ginásio de ginástica artística e quadras poliesportivas. Mais ainda, pareceu interessante pensar em roteiros específicos para visitas à exposição, conforme os dados obtidos na confirmação prévia do agendamento inicial, como número de estudantes, faixa etária dos mesmos, presença ou não de portadores de necessidades especiais com ou sem acompanhantes, projeto pedagógico do professor referente e tempo destinado à visita.

Assim, considerando o roteiro de visita inicialmente proposto, foram selecionadas para o Circuito de Museus aquelas estações consideradas adequadas à faixa etária e ao ano escolar dos estudantes a cada visita. Em todas as turmas foram contempladas as seguintes estações: painel introdutório; a criação da Escola de Educação Física; mapa da escola; infraestrutura da escola; estações do circuito e objetivos; circuito de habilidade motora e salto vertical, constituindo-se, assim, um núcleo básico das visitas. Já nas visitas dos estudantes de 8º e 9º anos foram incluídas, ainda, as estações: os cursos da Escola de Educação Física da UFMG, classificação biotipológica e estudo morfológico.



Buscou-se uma ação educativa não centrada apenas no tema da exposição e nos objetos expostos, mas que dialogasse com os projetos pedagógicos propostos pelos professores. Considerando que perguntas movem a produção de conhecimento, foi feito um exercício de centrar também no usuário, indagando-o, observando suas expectativas e as possíveis colaborações entre o conteúdo da exposição e as disciplinas escolares relacionadas, sendo todas essas iniciativas importantes formas de interação com os usuários e de produção de conhecimento simultâneo.

Assim, embora a exposição tenha sido produzida conforme demandas de apresentar, para estudantes do ensino médio, a educação física como campo de atuação profissional e de pesquisa, com sua historicidade, os olhares astutos dos mediadores e coordenadores permitiram ressignificar os sentidos e as narrativas possíveis de serem construídas por estudantes e professores do ensino fundamental.

Os artefatos expostos, as imagens disponibilizadas e os testes propostos para serem experimentados, executados, estimularam diferentes linguagens, como a visual, a tátil e a auditiva, possibilitando uma importante interação com e entre os visitantes. Nesse contexto, algumas unidades da exposição, que se configuraram como unidades de conhecimento, ganharam mais destaque que outras, como os testes físicos e a avaliação biométrica. Elas provocaram mais interação, criação e participação dos alunos; despertaram a necessidade do conhecimento, de perceber seus corpos e seus limites, funcionando, conforme Ferreira (2014), como objetos mediadores que tornam os usuários mais participativos. No teste das quatro cordas, por exemplo, o dispositivo expositivo era o quadro com os 12 testes do Programa Brasil e o teste, um objeto mediador que intermediou “a relação do visitante/participante com a exposição e facilita [ou] a integração do conhecimento, patente na exposição e trazido pelo visitante/participante” (Ferreira, 2014, p. 8), não funcionando, como destaca esse autor, apenas como meros transmissores de informação.

Interessante observar que, diferentemente do CMMT e do MBF, cujas exposições possuem objetos mediadores tecnológicos ou digitais, e os espaços são mais modernos, o Cemef se utilizou de suportes que, nesse contexto, pareciam ser menos estimulantes, mas a mediação, as interações e o discurso científico presentes nesses objetos mediadores considerados tradicionais possibilitaram melhorar a participação (Ferreira, 2014).

No Cemef, os objetos mediadores suscitaram nos usuários, no encontro entre público e exposição, as experiências de ver, tocar, movimentar, responder anamnese, realizar testes, perceber o corpo de diferentes formas, medir, comparar, relatar as suas percepções, ser desafiado e desafiar.

Destaca-se a importância do experimentar nessa exposição, que se revelou, em muitos momentos, provocativa, pois estimulou pensar no próprio corpo e em parâmetros de medição que, em alguns casos, o acompanham até hoje.

O interesse dos visitantes pelo conhecimento científico produzido pela educação física possibilitou ampliar a compreensão sobre este curso e sobre algumas de suas maneiras de compreender e lidar com o corpo em determinada época, algumas presentes ainda no cotidiano das instituições em que os alunos estudam, especialmente em conteúdos da disciplina de educação física, possibilitando, pois, reflexões entre conteúdos da exposição e do currículo escolar. Situação essa valorizada pela formação e qualificação da equipe que trabalhou na atividade educativa, diferentemente do que normalmente ocorre quando “os profissionais que atuam na educação nos museus são, frequentemente, professores de história ou de arte, sem uma posição teórica a fundamentar a prática” (Buchmann, 2014, p. 1).

### Considerações finais

Este artigo caracteriza-se como parte de um processo de reflexão sobre ações educativas desenvolvidas no Cemef e evidencia como elas podem qualificar, como de fato qualificaram, o cotidiano dessa instituição. Conforme Dias (2017), a descoberta do potencial do Cemef para o desenvolvimento de ações educativas, constituindo-se também como um espaço pedagógico, torna relevante a análise de tais iniciativas, dos usuários e dos usos do acervo nesse contexto.

Muitos foram os impactos no Cemef decorrentes de sua participação no Circuito das Vocações e no Circuito de Museus, sendo a chegada do usuário da educação básica o principal deles. Além disso, houve aumento considerável de usuários, em termos de quantidade e diversidade, ampliação da difusão do seu acervo e promoção da divulgação científica. Também foram produzidas as primeiras comunicações em formato de divulgação científica sobre a ação educativa e o Cemef ou sobre exposições realizadas, o que ainda tem efeito, como ocorre na elaboração deste artigo.

A exposição Formas de Medir os Corpos possibilitou aos alunos e professores da educação básica construir novos significados para a disciplina de educação física, contribuindo, dessa forma, com o currículo escolar. Como um espaço crítico de aprendizagem, a exposição contou com a participação efetiva dos diferentes sujeitos (mediadores, professores e alunos das escolas). Mais ainda, a visita ao Cemef e às instalações da EEFFTO

promoveu aproximações da universidade com as escolas públicas, abrindo novas possibilidades de relações entre elas e desfazendo a visão da UFMG como lugar inacessível e distante para esse público. As parcerias estabelecidas entre escolas, Cemef, SMED/PBH, RMECC, CMMT e MBF foram de grande relevância, pois aproximaram instituições que, de maneiras diferentes e complementares, trabalham com educação. Além disso, desafiaram o Cemef a ressignificar o seu acervo e os seus respectivos usos e usuários.

Este artigo configura-se como uma forma de preservar as memórias da exposição, da atividade educativa e da difusão científica, documentando-as, registrando-as, uma vez que se estabeleceram como uma boa prática do Cemef, e conseqüentemente da RMECC, que merece ser refletida e compartilhada. Também é um primeiro esforço de sistematizar e compreender questões referentes aos usos e usuários do Cemef, o que revela a necessidade de novas pesquisas sobre o tema, em especial acerca dos projetos pedagógicos dos professores da rede municipal e as conexões estabelecidas com a exposição Formas de Medir os Corpos, o que não foi possível realizar neste trabalho.

## Fontes

Arquivo Cemef/UFMG  
Instituto Brasileiro de Museus  
Prefeitura de Belo Horizonte - Gerência de Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania

## Referências

- ALMEIDA, Gisele Oliveira de. *Medindo corpos, classificando sujeitos: o perfil dos alunos da Escola de Educação Física da UFMG (1970-1979)*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- ARAUJO, Vanessa Barboza de et al. Circuito de Museus: um estímulo à exploração dos espaços museais de Belo Horizonte. In: FÓRUM MESTRES E CONSELHEIROS: agentes multiplicadores do patrimônio, 8., 2016, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- BUCHMANN, Luciano Parreira. Escolares nos museus: ensaio do novo público como ato político de educadores intelectuais. *MIDAS: Museus e Estudos Interdisciplinares*, Évora, n. 3, p. 1-13, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/463>. Acesso em: 1 dez. 2019.
- CHAVES, André Onório Limírio. A experiência do Circuito das Vocações da Universidade Federal de Minas Gerais: acervos científicos e profissões. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 7., 2016, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: Ufop, 2016. Disponível em: [https://www.cbeu.ufop.br/anais\\_files/2962515447d7baacafa95b7c-c5aeaf7b.pdf](https://www.cbeu.ufop.br/anais_files/2962515447d7baacafa95b7c-c5aeaf7b.pdf). Acesso em: 15 dez. 2019.
- CUNHA, Murilo Bastos da et al. *Manual de estudos de usuários*. São Paulo: Atlas, 2015.

- DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.
- DIAS, Carlos Vagner Gomes. *Importância de ações educativas em espaços museais universitários: relato de experiência a partir da exposição Formas de Medir os Corpos (2015-2016)*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- FERREIRA, Inês. *Objetos mediadores em museus. MIDAS: Museus e Estudos Interdisciplinares*, Évora, n. 4, p. 1-15, 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/midas/676>. Acesso em: 20 dez. 2019.
- FRATINI, Renata. *Educação patrimonial em arquivos. Histórica: revista eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. 34, p. 1-11, 2009.
- FREIRE, Luiz Gustavo Lima. *Difusão educativa em arquivos. Histórica: revista eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, São Paulo, n. 34, p. 1-8, 2009.
- GRANATO, Marcus. *Museus universitários e a salvaguarda do patrimônio cultural de ciência e tecnologia no Brasil*. In: JORNADA DE MUSEUS UNIVERSITÁRIOS, 1., 2016, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- INSTITUTO Brasileiro de Museus (Ibram). *Formulário de Visitação Anual*. Brasília: Ibram, 2019. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/museus-e-publico/formulario-de-visitacao-anual/>. Acesso em: 27 dez. 2019.
- JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. *Estudos de usuários em arquivos: em busca de um estado da arte. DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, v. 5, n. 5, out. 2004.
- JULIÃO, Letícia; ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; SABINO, Paulo Roberto. *Diagnóstico museológico em museus e espaços universitários de memória e ciência*. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE MUSEOS UNIVERSITARIOS Y ENCUENTRO DE ARCHIVOS UNIVERSITARIOS, 1., 2017, La Plata. Anais... La Plata: Red de Museos de la Universidad Nacional de La Plata, 2017, p. 1-11. Disponível em: [http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/69579/Documento\\_completo.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/69579/Documento_completo.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20 nov. 2019.
- LINHALES, MeilyAssbú; NASCIMENTO, Adalson. *O esporte e suas práticas nas linhas e entrelinhas de um processo de organização de arquivos. Acervo*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 38-50, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/437>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (org.). *Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um centro de memória*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- \_\_\_\_\_. et al. *Organização de acervos arquivísticos: a experiência do Centro de Estudos sobre a Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (Cemef/UFMG)*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. Anais... Vitória: Ufes, 2011. Disponível em: [http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais\\_vi\\_cbhe/conteudo/res/trab\\_700.htm](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/res/trab_700.htm). Acesso em: 22 dez. 2019.
- MARQUES, Rita de Cássia (coord.). *Projeto aprimoramento do circuito de divulgação científica da Rede de Museus da UFMG: despertando vocações e incentivando a formação de jovens estudantes*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. Disponível em: <https://sistemas.ufmg.br/siex/AuditarProjeto.do?id=42137>. Acesso em: 10 nov. 2019.
- OLIVEIRA, Thais Nodare. *Centros de memória e documentação da Universidade Federal de Minas Gerais: perfis institucionais e políticas de acervo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- RIBEIRO, Raphael Rajão; TORRE, Michelle Márcia Cobra. *Educação patrimonial e o ensino de história em instituições arquivísticas. Acervo*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 67-88, jan./jun. 2012.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Descobrir o corpo: uma história sem fim. Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul./dez. 2000.
- SANTOS, Fernanda Cristina dos. *“Um poderoso estímulo do soerguimento nacional”:*

- o “Projeto Brasil” na Escola de Educação física da UFMG (1974). 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- SILVA, Marcília de Sousa; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Educação e lazer: analisando os contextos do Programa Escola Integrada de Belo Horizonte. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 55-78, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/5629/4345>. Acesso em: 28 dez. 2019.
- TANNO, Janete Leiko. Centros de documentação e patrimônio documental: direito à informação, à memória e à cidadania. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 88-101, set./dez. 2018.
- TESSITORE, Viviane. *Como implantar centros de documentação*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003.
- UNIVERSIDADE Federal de Minas Gerais (UFMG). Cemef. Belo Horizonte: [s.d.]. Disponível em: <http://www.eeffto.ufmg.br/cemef/>. Acesso em: 30 dez. 2019.
- \_\_\_\_\_. Resolução n. 1, de 5 de abril de 2016. Regulamenta o funcionamento da Rede de Museus e Espaços de Ciências e Cultura da UFMG e aprova seu regimento interno. Pró-Reitoria de Extensão, Belo Horizonte, 5 abr. 2016. Disponível em: <https://www.ufmg.br/rededemuseus/index.php/a-rede/marco-regulatorio>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- \_\_\_\_\_. *Política de acervos do Cemef/UFMG*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- VAZ, Gláucia Aparecida A. *Práticas informacionais em arquivos: quadro comportamental e contexto social dos usuários do Arquivo Público Mineiro*. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/30052/1/Tese%20Vers%c3%a3o%20Final.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2019.

---

Recebido em 31/12/2019  
Aprovado em 15/4/2020